Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo

SAMARA CRISTINA DE JESUS LIMA

OLHAR, FOTOGRAFIA E CIDADE: O RELATO DE UMA TURISTA/*FLÂNEUR* PELA ESCALA MONUMENTAL DE BRASÍLIA

Brasília
2015

SAMARA CRISTINA DE JESUS LIMA

OLHAR, FOTOGRAFIA E CIDADE:
O RELATO DE UMA TURISTA/*FLÂNEUR* PELA ESCALA MONUMENTAL DE BRASÍLIA

Monografia apresentada ao Centro de Excelência da Universidade de Brasília para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Karina Silva e Dias.

Brasília
2015

Lima, Samara Cristina de Jesus.
Olhar, fotografia e cidade: o relato de uma turista/*flâneur* pela escala monumental de Brasília/ Lima, Samara Cristina de Jesus. 2015.
60 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo, 2015.
Orientadora: Prof. Dr.ª Karina e Silva Dias

1. Brasília. 2.Turismo Cidadão, 3. Caminhar. 4. *Flâneur.* *5.*Fotografia.

SAMARA CRISTINA DE JESUS LIMA

OLHAR, FOTOGRAFIA E CIDADE:
O RELATO DE UMA TURISTA/*FLÂNEUR* PELA ESCALA MONUMENTAL DE BRASÍLIA

Banca Examinadora:

_____

Prof.ª Dr.ª Karina e Silva Dias – Orientadora

_____

Prof. Dr. Luis Carlos Spiller Pena – Membro Interno

_____

Prof. M.ª Tatiana Vieira Terra– Membro Externo

_____

Prof. Dr.ª Eloísa Pereira Barroso – Suplente

Brasília, 09 de Julho de 2015.

Aos que mantem o olhar sempre perspicaz.

AGRADECIMENTO (página separada)

Agradeço primeiramente à minha mãe, pelo incentivo desde sempre, ao longo dessa minha curta existência. Obrigada, mãe!

À minha orientadora favorita, Prof.ª Dr.ª Karina Dias, por instigar e acreditar continuamente nas ideias e planos propostos, não só por mim, mas por todos seus discentes. Isso fez e sempre fará toda diferença. Obrigada por trazer e compartilhar novas maneiras de ver o mundo.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Spiller Pena e a Prof.ª M.ª Tatiana Vieira Terra por terem aceitado participar da banca e pelo apoio em outros momentos.

Aos amigos que estavam por perto, incentivando e torcendo. Principalmente aos que se propuseram a ajudar, seja emprestando um livro, seja com aparatos técnicos, seja dando um abraço-calmante, nos momentos *punk-rock-hardcore.*

À primeira turma de bacharelado em Turismo, da qual eu fiz/faço parte e aos momentos *wilderness,* de anseio e aprendizagem que passamos juntos! Agradeço também aos amigos e colegas dos outros semestres, é claro, pelo crescimento em conjunto. Fico feliz pelas amizades construídas, amizades para a vida.

Aos demais docentes e funcionários do Centro de Excelência em Turismo, por fazerem parte desse processo. Suely e Lucena, vocês são demais!

RESUMO

A partir do conceito de turista/*flâneur*, dentro da concepção de turismo cidadão, o trabalho apresenta a construção do pensamento que propõe desvelar a cidade de Brasília por meio da experiência do caminhar e da fotografia. O registro fotográfico se torna um suporte para trazer novas perspectivas e formas de visualizar a cidade, enquanto o ato de percorrer a cidade a pé nos permite ter maior intimidade entre espaço e paisagem. Diante da singularidade presente em Brasília, mostra-se relevante trazer um olhar diferente do já habituado ao cotidiano da cidade e instigar um (re)conhecer da paisagem na Escala Monumental, que vá além do cartão postal. Como resultado, uma série fotográfica foi elaborada a partir dos percursos propostos que convidam a um outro olhar para a cidade que não se limita aos seus monumentos e evidenciam a potência imaginária dos vazios da cidade.

Palavras-chave: Brasília, turismo cidadão, caminhar, *flâneur*, fotografia.

ABSTRACT

From the concepts of Tourist/*flâneur* and Tourist citizen, this paper presents a train of thoughts that proposes ways to unravel the city of Brasília through the experience of walking and photographing. The photographic record becomes a support to bringing new perspectives to see the city. Meanwhile, crossing the city by foot allows us to have a more intimate experience between space and landscape. Before Brasilia's singularity it is relevant to show a different gaze from the city quotidian and to instigate a perception of the Escala Monumental's landscape that reaches beyond the postal card. As a result, a series of photography was elaborated from the itinerary proposed that invites to another take on the city that doesn't limit itself to monuments site seeing but to evince the imaginary potency of the city's empty spaces.

Keywords: Brasília, tourist citizen, walking, *flâneur*, photography

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Integrantes da Missão Cruls 14

Figura 2 - Marco Zero de Brasília 15

Figura 3 - Escala Gregária 16

Figura 4 - Escala Residencial e Bucólica 17

Figura 5 - Escala Monumental 19

Figura 6 - Esplanada dos Ministérios 20

Figura 7 - UnB Concreta – Faculdade da Ciência da Informação 29

Figura 8 - UnB Concreta - Ceubinho 29

Figura 9 - Concurso Brasília Bucólica 30

Figura 10 - Brasília Bucólica 31

Figura 11 - Percurso - 7 de Junho 33

Figura 12 - Percurso - 14 de junho 34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1. BRASÍLIA 13
1.1 O Plano de Lucio Costa 14
1.2 Escala Monumental 18

2. TURISMO CIDADÃO 20

3. CAMINHAR 22
3.1 *Flâneur* – O Passante de Baudelaire 24
3.2 Paisagem 26

4. FOTOGRAFIA 27
4.1 Escolha do Caminho 31
4.2 Os percursos 32
4.2.1 Percurso - 7 de junho *32*
4.2.2 Percurso - 14 de junho *34*

CONSIDERAÇÕES FINAIS 58

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 59

INTRODUÇÃO

Concebida para ser a nova capital do Brasil e representar as decisões politicas do país, sua construção e planejamento urbano, quase utópico, criaram uma cidade singular, uma cidade do futuro.

A cidade de Brasília é um marco moderno da arquitetura e urbanismo, apesar da pouca idade, e sua singularidade provoca moradores e visitantes a todo instante, que se encantam com sua arquitetura e céu. Porém, Brasília não é só política e monumentalidade. Para entender um pouco a concepção urbanística da cidade, é preciso compreender o que a difere das outras.

O desenho da cidade surgiu com o cruzamento de dois eixos, o Eixo Rodoviário e o Eixo Monumental. O Eixo Monumental é onde se concentra os principais edifícios administrativos e monumentos. O Eixo Rodoviário-Residencial, que vai de norte a sul, é onde se localiza a parte residencial de Brasília e no cruzamento entre esses dois eixos, se encontra a plataforma rodoviária.

A cidade foi projetada para ter quatro escalas. A Escala Bucólica, a Escala Residencial, a Escala Gregária e a Escala Monumental, que é o grande cartão postal de Brasília, onde estão diversos monumentos projetados por Oscar Niemeyer.

Sabendo dessas singularidades de Brasília diante da Escala Monumental e o que ela representa, é importante buscar novos olhares sobre a cidade, que vão além dos seus monumentos.

O presente trabalho dispõe a investigar como a cidade de Brasília se revela pelo olhar fotográfico de uma turista/*flâneur* que nela vive, por meio da experiência do caminhar e tem como objetivos específicos: compreender como a cidade se revela pela caminhada; criar, a partir da fotografia, planos, ângulos e/ou pontos de vistas que desvelem a cidade de Brasília para além do cartão postal; e traçar um percurso fotográfico que apresente a cidade para o morador e visitante que nela habita/visita.

A relevância deste trabalho está na busca de desvelar a cidade por outro olhar, diferente do olhar habituado ao cotidiano de Brasília.

Metodologicamente, a pesquisa revela uma abordagem fenomenológica concretizada pelo registro fotográfico como parte fundamental para o desenvolvimento de uma reflexão estética e filosófica sobre a cidade, juntamente com a pesquisa bibliográfica.

Para Martins (1992, apud TERRA, 2015), “o que se objetiva na pesquisa fenomenológica são os significados que os sujeitos atribuem à sua experiência vivida”, sendo

esses significados revelados a partir das descrições realizadas por aqueles que viveram a experiência.

Dentro do campo do turismo, Panosso Netto propõe reflexões sobre a fenomenologia como um método de análise. Netto (2011 apud TERRA, 2015) posiciona o indivíduo como aquele que dá significado à atividade turística, sendo o Turismo algo que vai além da relação de consumo e mercado, onde é necessário considerar o sujeito, tempo e espaço.

Além da fotografia, a experiência do caminhar também é relevante para realização da pesquisa. Para Frédéric Gros (2010) a caminhada nos permite vivenciar as liberdades suspensiva, agressiva e a do renunciante, sendo a liberdade suspensiva a que melhor se molda à proposta deste trabalho.

Como a pesquisa será tratada por meio da fenomenologia, onde a experiência de percorrer a cidade a pé e registrá-la é fundamental e será descrita ao longo do trabalho, é importante frisar que o texto assumirá um caráter de ensaio.

Quanto à estrutura da pesquisa, ela será dividida em quatro capítulos. O primeiro trará o contexto histórico e estrutural de Brasília, para que haja uma melhor compreensão do objeto de estudo. O segundo capítulo abordará o conceito de Turista Cidadão, desenvolvido por Gastal e Moesch (2007), em que o turista é aquele indivíduo que se desloca dentro da própria cidade. O terceiro capítulo será sobre o caminhar, como ele se dá em Brasília e, mais especificamente, como a figura do *flâneur* permeia a cidade. O último capítulo traz a fotografia como peça fundamental para a construção do pensamento crítico sobre a experiência fenomenológica do turista/*flâneur* na cidade.

1 BRASÍLIA

Brasília é uma cidade singular. Planejada para ser o centro do poder do país, foi concebida para ser uma cidade moderna, monumental e única, tornando-se a primeira cidade do século XX a ter seu conjunto urbanístico-arquitetônico reconhecido pela Unesco, em 1987, como Patrimônio Mundial, justamente por ser um marco moderno da arquitetura e urbanismo.

Entretanto, Brasília não é só política e monumentalidade. Brasília vai além do concreto. Brasília é pilotis, cobogó, tesourinha, pardal e zebrinha, palavras essas presentes no vocabulário dos brasilienses que colaboram para distinguir a cidade de outras.

A construção e o planejamento urbano quase utópico de Brasília criaram uma cidade distinta, a cidade do futuro. Conhecida no mundo todo, ela provoca moradores e visitantes a todo instante, que se encantam com sua arquitetura e céu.

O desejo de transferir a capital do Brasil para o interior remonta à época do período colonial. Diversos foram os estudos elaborados para que a capital do Brasil fosse transferida para o interior, onde seria mais seguro do que se ela continuasse em área litorânea.

Para atender à Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 1891, que em seu artigo 3º, dizia "Fica pertencendo à União, no planalto central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura capital federal", foi nomeada uma Comissão Exploradora do Planalto Central, encarregada em demarcar e indicar a área onde seria erguida a nova capital.

A missão Cruls, como ficou conhecida, era comandada pelo astrônomo belga Luiz Cruls, na época era diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro. Entre os membros da missão, havia cientistas, técnicos e militares. Em sete meses de trabalho, foram analisados mais de 4.000 quilômetros quadrados. Foram feitos apontamentos descritivos e imagéticos sobre a topografia, a geologia, a hidrologia, o clima, a fauna, a flora, entre outros, do Planalto Central. Como resultado da missão Cruls, foi demarcado um quadrilátero de 160 km x 90 km, situado no Estado de Goiás, Quadrilátero Cruls. O Relatório Cruls pode ser considerado o primeiro documento técnico relevante para o planejamento de Brasília.

Contudo, a transferência da capital para o interior do Goiás, porém, só pôde ser concretizada no governo de Juscelino Kubitscheck (JK), no ano de 1956. A transferência e construção de uma nova capital era meta-síntese do seu Plano de Metas e pertencia ao Plano de Aceleração do Desenvolvimento Nacional.

Figura 1 - Integrantes da Missão Cruls

Fonte: Arquivo público do Distrito Federal.

Para definir o projeto da nova capital, o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB)enviaram ao governo, em agosto de 1956, um manifesto solicitando a realização de um concurso de projetos para a cidade. Já em setembro, publicou-se o Edital do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil. Nesse mesmo período, presidida por Israel Pinheiro, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP) era criada, encarregada de construção da nova capital.

Ao total, foram apresentadas vinte e seis propostas. Destas, sete propostas foram premiadas, sendo o primeiro lugar de Lucio Costa. O júri, formado por arquitetos, urbanistas e críticos de arte, consagrou um projeto "com poucos desenhos, mas munido de um belíssimo memorial descritivo" (TERRA, 2015, p. 48), sendo o plano urbanístico de Lucio Costa o único considerado apropriado para uma capital.

1.1 O Plano de Lucio Costa

A originalidade do plano de Lucio Costa consistia na concepção da cidade, partido de dois traços, feitos à mão. A proposta era construir uma capital para uma sociedade democrática, dentro de uma lógica que se atrelasse às necessidades e funções da vida moderna.

O plano urbanístico de Brasília desenhado por Lucio Costa nasce com dois eixos que se cruzam como uma cruz. O Eixo Monumental vai de leste a oeste, onde estão dispostos os

principais edifícios administrativos e monumentos. O Eixo Rodoviário-Residencial, que vai de norte a sul, é onde se localiza a parte residencial de Brasília e a interseção entre esses dois eixos, onde se encontra a plataforma rodoviária, marca a escala gregária.

Figura 2 - Marco Zero de Brasília

Foto: Mário Fontenelle/Arquivo público do Distrito Federal.

Em seu memorial descritivo sobre o Plano Piloto, Lucio Costa aponta como a cidade deveria ser. A adequação à topografia local, as técnicas rodoviárias que, aplicadas às técnicas urbanísticas, eliminavam os cruzamentos. Até mesmo foi pensado um sistema de ônibus de mão única que, segundo o urbanista, permitiria "ao viajante uma última vista ao eixo monumental da cidade antes de entrar no eixo rodoviário-residencial — despedida psicologicamente desejável" (COSTA, 1957)[1]. A plataforma rodoviária foi desenhada de um modo que ela fosse integrada à cidade. Quanto à parte residencial, a proposta de Lucio é que fossem criadas quadras residenciais, as Superquadras. As quadras seriam arborizadas e dispostas ao longo da faixa rodoviária com áreas para passeio e lazer, na parte interna das próprias quadras e intercalaria com as Entrequadras, áreas destinadas ao comércio local, recreio e equipamentos de uso comum.

> Dentro dessas "superquadras" os blocos residenciais podem dispor-se da maneira mais variada, obedecendo porém, a dois princípios gerais: gabarito máximo uniforme, talvez seis pavimentos e pilotis, e separação do tráfego de veículos do trânsito de pedestres, mormente o acesso à escola primária e às comodidades existentes no interior de cada quadra. (COSTA, 1957)

[1]Descrição de Lucio Costa em seu Relatório do Plano Piloto de Brasília

Lucio Costa projetou uma paisagem urbana composta por quatro escalas espaciais – a Escala Gregária, a Escala Residencial, a Escala Bucólica e a Escala Monumental.

A Escala Gregária é onde concentra as áreas comerciais e de lazer do centro da cidade e foi imaginada com a intenção de se criar um espaço urbano que fosse intensamente utilizado. Ela é representada pelos setores comercial, bancário, de diversões e de cultura, hoteleiro, de rádio e TV, e está localizada ao redor da interseção dos eixos rodoviário e monumental, ou seja, em torno da Plataforma Rodoviária.

Figura 3 – Escala Gregária

Fonte: Museu Virtual de Brasília.

A Escala Residencial é a escala onde se constituem as Superquadras, que são quadras residências dispostas "de ambos os lados da faixa rodoviária, e emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada"[2], como descritas no relatório do Plano Piloto de Brasília, onde os moradores poderiam usufruir de áreas livres sombreadas, para passeio ou lazer. Essas Superquadras teriam espaços abertos, de livre acesso a todos, onde os prédios são suspensos do chão por pilotis. Segundo Lucio Costa:

> O chão é público – os moradores pertencem à quadra, mas a quadra não lhes pertence – e é esta a grande diferença entre superquadra e condomínio. Não há cercas nem guardas e, no entanto, a liberdade de ir e vir não constrange nem inibe o morador de usufruir de seu território, e a visibilidade contínua assegurada pelos pilotis contribui para a segurança[3](COSTA; LIMA, 1985, p. 61).

[2]ibidem.

[3]COSTA, Maria E.; LIMA, Adeildo V. Brasília, 57/85: do plano piloto ao Plano Piloto. Brasília: Terracap, 1985, p. 45-68.

Dentro da proposta das Superquadras, foi prevista a instalação de diversos outros equipamentos. As áreas localizadas entre as Superquadras, denominadas Entrequadras, foram destinadas à construção de edificações para atividades de uso comum, como jardins de infância, escolas primárias, quadras de esporte e comércios locais. As únicas quadras que atenderam completamente ao conceito sugerido por Lucio Costa foram as Entrequadras 108/308 sul.

> Andar por essas alamedas também é visitar um pouco da cidade que deveria ter sido e não foi. Os poucos turistas que visitam Brasília quase sempre têm um encontro marcado com o conjunto urbanístico das quadras 108 e 308. Os passeios geralmente começam na Igrejinha. A partir dali, podem visitar a Escola Parque, parte do modelo de ensino projetado para ser disseminado por toda cidade (CATALDO; RAMOS, 2010, p. 196).

Já a Escala Bucólica é aquela que configura as grandes extensões de áreas verdes, parques, orla do lago, enfim, todos os espaços livres destinados ao lazer e descanso e que caracterizam Brasília como cidade-parque.

Figura 4 - Escala Residencial e Bucólica

Fonte: ME/Portal da Copa, 2012.

E, por último, tem aescala onde estão dispostos os edifícios públicos e a maioria dos monumentos de Brasília, a Escala Monumental. Por apresentar características icônicas, reconhecidas em diversos lugares do mundo, por conta das obras modernas de Niemeyer, a Escala Monumental foi escolhida como recorte para o desenvolvimento deste trabalho e, por isso, será mais detalhada a seguir.

1.2 Escala Monumental

A Escala Monumental, que foi imaginada para conferir à Brasília a função de capital do país, é "onde se concentra a visitação turística da cidade, pois além de localizar as representações cívicas da Capital, estão ali os principais edifícios arquitetônicos construídos pelo arquiteto Oscar Niemeyer" (TERRA, 2015).

Segundo o relatório de Lucio Costa, a escala monumental configura o Eixo Monumental, desde a Praça dos Três Poderes até a Praça do Buriti e deveria seguir as seguintes disposições para sua preservação:

> I -A Praça dos Três Poderes fica preservada tal como se encontra nesta data, no que diz respeito aos Palácios do Planalto e do Supremo Tribunal Federal, ao Congresso Nacional, bem como aos elementos escultórios que a complementam, inclusive o Panteão, a Pira e Monumento ao Fogo Simbólico, construídos fora da Praça, mas que se constituem parte integrante dela;
> II - Também ficam incluídas para preservação as sedes vizinhas dos Palácios do Itamaraty e da Justiça, referências integradas da Arquitetura de Oscar Niemeyer na Praça dos Três Poderes;
> III -Os terrenos do canteiro central verde são considerados non-aedificandi nos trechos compreendidos entre o Congresso Nacional e a Plataforma Rodoviária e, entre esta e a Torre de Televisão e, no Trecho não ocupado entre a Torre de Televisão e a Praça do Buriti;
> IV -A Esplanada dos Ministérios, ao Sul e ao Norte do canteiro central, à exceção da Catedral de Brasília, será de uso exclusivo dos Ministérios Federais, sendo, entretanto, admitida tal como consta do Plano Piloto, edificação de acréscimos com um pavimento em nível de mezanino e sobre pilotis, para instalação de pequeno comércio e serviços de apoio aos servidores, no espaço compreendido entre o meio dos blocos e a escada externa posterior;
> V -As áreas compreendidas entre a Esplanada dos Ministérios e a Plataforma Rodoviária, ao Sul e ao Norte do canteiro central, e que constituem os Setores Culturais Sul e Norte, destinam-se a construções públicas de caráter cultural. Parágrafo único - Quaisquer modificações físicas nas áreas preservadas nos incisos I e II deste artigo serão submetidas à aprovação do CAUMA[4]

O Eixo Monumental se estende da Praça dos Três Poderes e vai até a Rodoferroviária de Brasília. Na parte leste, em direção ao oeste, está a Praça dos Três Poderes, que é um amplo espaço aberto localizado entre o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal, que são os edifícios que representam, respectivamente, os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, ou seja, os três poderes da República.

A Praça dos Três Poderes abriga ainda o Mastro da Bandeira, o Panteão da Pátria, construído para homenagear o ex-presidente Tancredo Neves, e as esculturas A Justiça, de

[4]BRASIL. Decreto nº 10.829, de 14 de outubro de 1987.

Alfredo Ceschiatti e Os Guerreiros, de Bruno Giorgi, considerado um dos símbolos de Brasília.

Após a Praça dos Três Poderes, ainda seguindo para o oeste, estão os ministérios, disposto de ambos os lados da Esplanada. Logo após, do lado sul, está a Catedral Metropolitana de Brasília, primeiro monumento construído em Brasília, seguida do Complexo Cultural da Republica formado pelo Museu da República e a Biblioteca Nacional e concebido para promover eventos culturais na cidade. Do lado norte, oposto ao Complexo Cultural, fica o Teatro nacional. Próximo ao Complexo Cultural e ao Teatro Nacional encontra-se a Rodoviária do Plano Piloto, o marco zero do plano urbanístico de Brasília.

Após a Rodoviária, está a Torre de TV, um dos atrativos turísticos mais visitados de Brasília. Em seguida estão o Complexo Cultural da Funarte, o Planetário, o Clube do Choro e o Centro de Convenções. Mais acima está a Praça do Buriti, o Memorial dos Povos Indígenas e o Memorial JK, construído em homenagem a Juscelino Kubistchek. Acima do Memorial JK está a Praça do Cruzeiro, que marca o ponto mais alto da cidade – 1.172 metros acima do nível do mar –, e logo depois, a Catedral Rainha da Paz.

Figura 5 - Escala Monumental

Fonte:ME/Portal da Copa, 2012.

Figura 6 - Esplanada dos Ministérios

Fonte: ME/Portal da Copa, 2012.

Andar por uma cidade com escala monumental é uma tarefa difícil. Diferente das Superquadras, a Esplanada não oferece arvores que protejam os pedestres do sol. Os caminhantes conhecem o desconforto de andar pelo Eixo Monumental no meio da tarde, onde existe apenas uma árvore ou outra para descansar. No Complexo Cultural ou na Praça dos Três Poderes, por exemplo, o chão de cimento não facilita ao transeunte realizar um percurso a pé. A sensação é de que a distancia entre um monumento e outro é maior do realmente é.

Contudo, apesar desses entraves, a proposta desse trabalho é trazer um olhar diferente sobre a cidade através da caminhada na Esplanada dos Ministérios, e mostrá-la por ângulos que a desvele para além dos seus monumentos.

2 TURISMO CIDADÃO

O Turismo pode ser entendido, antes de tudo, como uma atividade que sugere deslocamento. É uma prática que possibilita às pessoas conhecerem lugares, pessoas e culturas, Segundo Gastal (2007), "Turismo é um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos".

Através de uma visão que traz o turismo como fenômeno sociocultural, Gastal e Moesch desenvolveram o conceito de *Turista Cidadão*, em um âmbito social, como aquele indivíduo que se desloca dentro da própria cidade. "Turista cidadão é o habitante que

desenvolve um relacionamento diferenciado com o local onde mora no seu tempo de lazer" (GASTAL, 2007). A proposta é que o deslocamento ocorra dentro da cidade pelo residente, mas que também haja estranhamento por parte deste indivíduo diante dos locais e costumes, para que seja possível perceber a cidade com outros olhares, através de novas perspectivas.

> O turista cidadão é aquele morador da localidade que vivencia práticas sociais, no seu tempo rotineiro, dentro de sua cidade, de forma não rotineira, onde é provado em relação à cidade. Turista cidadão é aquele que resgata a cultura da sua cidade fazendo uso do estranhamento da mesma. Este estranhamento inicia no momento em que o indivíduo descobre no espaço cotidiano outras culturas, outras formas étnicas eoutras oportunidades de lazer e entretenimento. Quando se encontra nasituação de turista cidadão este sujeito aprende a utilizar os espaços ambientais, culturais, históricos, comerciais e de entretenimento com uma percepção diferenciada do seu cotidiano (MOESCH, 2005 apud GASTAL, 2007, p.12).

Sob esse ponto de vista, a do estranhamento dentro de determinado espaço geográfico, pode-se pensar que o turista cidadão sente as mesmas sensações e percepções, este estando em seu lugar de domicílio, que um turista sente na cidade que não é sua residência. Assim como acontece com um turista, o ato de experimentar e perceber o que está ao redor pode acontecer com o morador, que há muito se esqueceu de olhar para o que o cerca.

> Para ser uma experiência, a viagem precisa superar a banalidade, os aspectos triviais, estereotipados e convencionais e estruturar-se como uma experiência que nasça da riqueza pessoal do viajante em busca de momentos e lugares que enriqueçam sua história (TRIGO, 2010 apud NÓBREGA, 2013).

Portanto, sendo o deslocamento o principio da viagem e a viagem um fenômeno que proporciona experienciar novos valores e culturas, é possível ter novas experiências dentro de uma realidade espacial já conhecida. Tudo depende de como você se posiciona diante do espaço. Um mesmo lugar percorrido diversas vezes pode proporcionar passeios incríveis, por exemplo, ainda que o caminhante tenha "por tantos anos percorrido quase diuturnamente e às vezes percorrido vários dias consecutivos"[5], ele não pode afirmar que tenha percorrido essa vizinhança de forma plena.

> a prática do turismo cidadão aprofunda laços com a cultura local, no qual estabelece o sentimento de identidade e pertencimento, assim conscientiza-se da importância e do respeito que se deve ter com a cultura, pois é dinâmica e encontra-se em constante construção social, sofrendo influência de outras pessoas e do meio inserido (DIAS; MELO, 2012).

A pratica do Turismo Cidadão requer, então, que o morador se desloque dentro da sua própria cidade e (re)descubra novos ângulos e pontos de vista, para que ele possa se apropriar

[5] THOREAU, Henry David. Andar a pé. 2003.

do espaço, criando uma relação com a cidade. É preciso então que haja incentivos para que esse morador tenha experiências que vão além dos seus hábitos do dia-a-dia. Para Gastal e Moesch (2007, p. 19), olhar a cidade "não é mais uma tarefa exclusiva dos turistas que a percorrem. Mesmo para os moradores das cidades, a sua complexidade coloca, cada vez mais, maiores desafios".

Experienciar a própria cidade é se posicionar como um viajante que parte sem saber o que esperar do próximo lugar que ele encontrará pelo caminho, quais características ela terá que a difere de outras. "Cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem formas, preenchidas pelas cidades particulares[6]" (CALVINO, 1990). Conhecer o lugar onde você mora é tornar essas cidades que cada um tem dentro de si reais.

A partir desse viés que traz o morador como sujeito principal dentro de uma cidade, é proposto que o turista cidadão experimente a cidade através da caminhada, uma vez que caminhar é uma pratica que proporciona um contato mais intimo com a cidade do que através de outros meios.

3 CAMINHAR

Henry Thoreau, durante sua vida, só encontrou uma ou duas pessoas que compreenderam, de fato, o caminhar, o hábito de fazer passeios a pé ou, no caso, pessoas que tinham o gênio, como ele chamava, "*sauntering*". Essas pessoas seriam, segundo Thoreau, aquelas que "erravam pelo país, na Idade Média, e pediam esmola sob o pretexto de irem *à la Saint Terre*", ou seja, à Terra Santa. *Sautering*, por assim dizer, seria uma derivação de *Saunterer*, como eram caracterizados os peregrinos que iam até a Terra Santa. O termo *sauntering* designa os peregrinos. Segundo Thoreau (2003)

> Os que nunca vão à Terra Santa nas suas peregrinações, como pretendem, são, em verdade, meros vadios e vagabundos; mas os que lá vão ter são '*saunterers*', no bom sentido que tenho em vista. É certo que alguns derivariam a palavra *sans terre*, sem terra ou pátria, o que, portanto, no bom sentido, significará - não tendo pátria em toda parte.

Para Thoreau, somente aqueles que estariam prontos para abandonar família e amigos, sabendo que nunca mais iriam vê-los, – já tendo, é claro, saldado suas dívidas, deixado os negócios em ordem e o testamento feito –, estariam prontos para uma caminhada

[6]Referencia à cidade de Zoé, uma das cidades invisíveis de Ítalo Calvino. *In*: Cidades Invisíveis, 1990.

(THOREAU, 2003). Caminhar era algo de muita importância para ele, tanto que fazia passeios diários, durante pelo menos quatros horas ou mais.

Os passeios feitos por Thoreau eram em meio à natureza, aqueles passeios que se faz sem o objetivo de chegar, que percorremos por querer percorrer, sem pressa. Caminhar pé ante pé para acalentar o espírito e colocar o pensamento no lugar.

Aqueles que caminham, de certo modo, estão indo contra a lógica capitalista, onde o tempo é corrido e contado. A prática do caminhar requer desaceleração e em troca, ela nos oferece liberdade, mesmo que seja um simples passeio, caminhar nos permite desvencilhar dos problemas e preocupações (GROS, 2010. p. 11).

Existem três tipos de liberdade que, de acordo com Gros (2010), a caminhada nos permite vivenciar. A primeira é a liberdade suspensiva, aquela que nos permite apenas uma breve desconexão.

> Isso posto, gozando dessa liberdade suspensiva, feliz em partir, fico também feliz em voltar. É uma felicidade por parênteses, uma liberdade sob a forma de escapulida de um ou vários dias. Nada mudou de verdade quando retorno. E as antigas inércias retomam seu lugar: a pressa, o autoesquecimento, a desatenção pelos outros, a excitação e o cansaço (GROS, 2010. p. 12).

Ou seja, a liberdade suspensiva é uma suspensão efêmera. A segunda liberdade é a chamada liberdade agressiva, a que nos faz querer romper, ir para longe. É uma liberdade que desperta um lado primitivo de querer sair e explorar o mundo. A terceira liberdade é a do renunciante.

> Quando se está caminhando há muito tempo, chega um momento em que já não se sabe muito bem quantas horas transcorreram, nem quantas mais serão necessárias para se chegar ao destino, sente-se o peso do estritamente necessário sobre as costas, pensa-se que isso é o que basta [...] e sente-se que daria para continuar desse jeito por idas, séculos(GROS, 2010. p. 16).

A liberdade do renunciante é a liberdade mais elevada, pois não se está comprometido nem consigo mesmo e menos ainda com o mundo. Quando a liberdade do renunciante é alcançada, tudo que nos identifica como indivíduo perante o mundo torna-se pequeno.

Claro que o lugar em que se escolhe caminhar é relevante, dependendo da qual liberdade que pretendemos alcançar. Caminhar em meio à natureza, como fazia Thoreau, e caminhar em uma cidade podem proporcionar experiências completamente distintas.

Brasília proporciona amplos espaços, “onde não há multidões, nem intenso trânsito de pedestres” (TERRA, 2015, p. 90). Entre os tipos de liberdade proposta por Gros, a que melhor expressa a intenção deste trabalho é a liberdade suspensiva, uma vez que os espaços

percorridos na cidade são curtos, o que não diminui a experiência que o turista ou o morador, no caso, turista cidadão, pode ter.

Dentro da lógica do caminhar, a cidade de Brasília permite, inclusive, experiências extremas. Andar dentro das Superquadras, por exemplo, se perdendo na vasta vegetação da escala bucólica é totalmente diferente de passear a pé no Eixo monumental, e mais convidativo também.

A questão, porém, não é qual caminho ou escala é melhor ou não, mas sim trazer a caminhada como forma de apropriação do espaço, para que assim nos aproximemos da cidade, podendo, então, sentirmo-nos pertencentes à ela. Muito além do percurso em si, é importante que os lugares sejam, conforme Labbucci (2013) "respeitados e valorizados, para que outras pessoas possam fazer esse caminho com o mesmo prazer". É necessário também querer estar no caminho.

3.1*Flâneur* – O Passante de Baudelaire

Caminhar pela cidade nos atrela ao conceito de *flânerie*, o qual seria andar sem rumo, perambular, flanar. No momento em que as cidades europeias se urbanizavam – durante o processo de industrialização –, os negócios se expandiam e o numero de transeuntes circulando aumentava, emerge a figura do *flâneur*.

Walter Benjamin, em seus estudos sobre Charles Baudelaire, descobriu o personagem do *flâneur*, que surge em Paris, no século XIX, como alguém que caminha sem compromisso pela cidade (GROS, 2010).

Segundo D'Angelo (2006), "algumas formas de afirmação de identidade nos indivíduos emergiram com o surgimento da multidão", como exemplo, temos o *flâneur* que é, ao mesmo tempo, ator e espectador. Ele não existe sem a multidão, mas também se confunde com ela.

> A versatilidade e mobilidade do flâneur no interior da cidade dão a ele um sentimento de poder e a ilusão de estar isento de condicionamentos históricos e sociais. Por isso, ele parte para o mercado, imaginando que é só para dar uma olhada. As fantasmagorias do espaço a que o flâneur se entrega, tentando conquistar simbolicamente a rua, escondem a "mágica" que transforma o pequeno burguês em proletário, o poeta em assalariado, o ser humano em mercadoria, o orgânico no inorgânico. Mas a *flânerie* de Baudelaire guarda uma certa consciência de sua própria fragilidade (D'ANGELO, Martha. 2006, p. 242).

Dias (2010, p. 130), pontua a figura do *flâneur* como "aquele que passeia pelos lugares com desenvoltura e atenção, sempre disponível às diferentes percepções, desejoso de

novas perspectivas". Ele é um observador. Ele percebe detalhes que muitos já esqueceram diante da vida rotineira.

Além de ser alguém atento com o que acontece ao seu redor, outros atributos caracterizam o *flâneur*. Frédéric Gros (2010) diz que o *flâneur* é aquele que subverte a solidão, a rapidez, o ocupacionismo e o consumo. Como D'Angelo (2006) descreve, ele desafia a divisão do trabalho, negando a produtividade e a eficiência, acrescentando o ócio ao lazer, sempre resistindo ao tempo esquematizado da indústria.

Para Gros (2010), a subversão da solidão é, na verdade, uma busca pelo anonimato. É quando se torna possível esconder-se no meio da multidão e, ao mesmo tempo, estar sozinho. É ser alguém e ser ninguém.

Quanto à rapidez, é fato que o *flâneur* não tem pressa, diferente da maioria dos passantes do século XIX/XX. Não para o flâneur. Ele anda desacelerado. Seu corpo anda devagar, vai contra o ritmo da multidão apressada. Ele não tem um caminho a seguir, não tem que estar em lugar nenhum. Ele caminha livremente, sozinho, no seu próprio ritmo, observando.

Quanto ao ocupacionismo – ou atarefamento –, é preciso que se negue a produtividade. O flâneur desafia o capitalismo. A ociosidade a ele pertence. Contudo, segundo Gros (2010, p. 181), o *flâneur* "não faz nada, mas está com todas as coisas encurraladas, observa, seu espírito conserva-se incessantemente atento".

A subversão do consumo significa que o flâneur não consome e muito menos é consumido. Ele nega o ato máximo do capitalismo.

Partindo do pressuposto de que tanto um flâneur quanto um turista, sobretudo aqueles que optam por conhecer a cidade a pé e negam o consumismo, são sujeitos semelhantes, Nóbrega (2013) adotou a concepção de turista/*flâneur*[7], como sendo aquele turista que contempla a cidade de outra forma sem ser consumidor, necessariamente, dos lugares que se tornaram cartões-postais.

Para Urry (2001 apud NÓBREGA, 2013), o personagem do *flâneur* se relaciona com a do turista, sendo o *flâneur* um precursor do turista.

> Nesse contexto, turismo, turista e fotografia são atividades que estão atreladas. O *flâneur* da classe média foi quem deu início ao ato de fotografar do turista do século XX. O *flâneur* e o turista se assemelham ao caminhar solitários, ao se aproximar da paisagem e registrá-la por meio da fotografia. Caminham e espiam ao mesmo tempo (URRY apud NÓBREGA, 2013, p. 41).

[7]Conceito desenvolvido por Lara Nóbrega em sua dissertação de mestrado, em 2013, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Karina Dias.

Ou seja, a fotografia se tornou uma parte importante da viagem, por ser uma forma do turista registrar a experiência, se tornando um meio do individuo se aproximar da paisagem ao registrá-la. Afinal, "a paisagem é uma experiência sensível do espaço." (DIAS, 2010, p. 113).

E, assim como acontece com o turista, a fotografia pode aproximar o *flâneur* da cidade, da paisagem que ele percorre, observa e se esconde.

3.2 Paisagem

Através da caminhada é possível compreender melhor como a paisagem que nos cerca se compõe diante do nosso olhar. A compreensão da distancia no ato de olhar é fundamental para compreendermos a paisagem (DIAS, 2010).

Para Dias, talvez seja necessário "alterar a modulação do nosso olhar, deslocá-lo e (re)inventá-lo para encontrar, a cada vez, novos pontos de vista de um espaço percorrido tantas vezes." (DIAS, 2010, p. 128). Ou seja, é preciso tomar certa distancia diante da paisagem, para que se possa sentir-se em outro lugar mesmo estando no mesmo lugar.

A paisagem pode ser considerada como o elo entre o percurso e a escolha do lugar, juntamente a experiência aí vivida. Ela emerge da relação do espaço com o sujeito e é composta pela junção entre o percurso, o tempo, o monumento, a intimidade com o espaço e as lembranças.[8]

A paisagem, no entanto, está se tornando cada vez menos contemplativa, principalmente dentro da lógica das cidades, onde todos tem pressa. Muitos olham a paisagem hoje apenas como produto, por exemplo, dentro da concepção turística, onde ela é consumida pela indústria do turismo e pelo turista. A viagem não acontece para um lugar e sim para a imagem que se tem dele. O olhar consumista torna a paisagem apenas um cenário propício para a captação de fotos e cartões postais[9].

Em Brasília, talvez o que melhor represente a capital seja as imagens da Esplanada e seus monumentos. Claro que os pilotis das quadras residenciais, assim como os cobogós e outras arquiteturas também representam Brasília. Mas a Eixo Monumental é o grande cartão postal da cidade.

Como trazer um olhar dentro da escala monumental que seja diferente daquela vista icônica que a maioria das pessoas tem de Brasília? É possível descobrir uma nova paisagem

---

[8]NÓBREGA, Lara Santina Santos; DIAS, Karina. O Turista Flâneur e o desvelamento do Centro Histórico de João Pessoa: Breves Considerações sobre a prática do turismo. 2013. p. 90.
[9]Ibidem, p. 91.

através do caminhar? Para pensar essas questões, me tornei a turista/*flâneur*, dentro da concepção do turismo cidadão, na minha própria cidade, Brasília. Com o auxilio de uma câmera fotográfica, meu plano foi buscar novas formas de enxergar a capital para além do cartão-postal.

4 FOTOGRAFIA

Difícil escolher palavras para pensar a fotografia. É registro, é memória. E, muito além de guardar um momento, ela revela uma linha de pensamento, um modo de ver o mundo que nos é próprio.

Imagino que nem todos criam essa relação com a foto tirada. Há aqueles que tiram fotos apenas por tirar. Afinal, diferente de alguns anos atrás, onde fotografar denotava outros costumes – comprar filmes para as câmeras analógicas, usar o filme inteiro, revelar as fotos e torcer para que as fotos estivessem boas –, nos tempos atuais a fotografia é, graças a essa era digital, corriqueira e, talvez, efêmera demais.

Já não é preciso revelar fotos, muito menos comprar filmes. Não é necessário esperar. Se mil fotos são tiradas, é fácil apagá-las e tirar outras mil. Sendo assim, como criar uma relação com a fotografia? Como direcionar o olhar e compreender que aquela imagem que retemos não é igual a outras? Quando ela adquire elementos que faz com que deixe de ser apenas mais uma imagem congelada e passe a ser algo inerente a você?

A fotografia é uma forma de linguagem não verbal e tem sido utilizada desde sua invenção como uma forma de expressão artística. É uma forma de perceber e representar imagens. Também é muito utilizada como instrumento de planejamento e gestão em diversas áreas, como geografia, arquitetura, botânica, entre outras e, por isso, contribui muito na realização de pesquisas teóricas.

> a fotografia é, antes de tudo, um olhar que recorta, seleciona, escolhe; um olhar subjetivo cheio de emoção e de uma idéia de mundo: um olhar que interpreta. E ao mesmo tempo um olhar que usa uma técnica e que precisa, de alguma forma, dominar a máquina. Mas a fotografia supõe, ainda, outro olhar: o olhar do apreciador, com sua história de vida, sua cultura, sua emoção. Não consigo pensar fotografia apenas como índice, metonímia, duplo do real e, apesar de reconhecer nela essa qualidade, vejo-a para além do índice, como possibilidade metafórica, texto indireto e cheio de reentrâncias, onde a coisa retratada pode esconder-se, e, no mais das vezes, esconde-se, para além da imagem, no imaginário (PINHEIRO, 2000, p. 130, apud MESQUITA; SILVA, 2004,118.).

Ou seja, pode-se dizer que a fotografia denota subjetividade, uma vez que ela é um recorte do nosso olhar, sendo esse olhar próprio de cada indivíduo. Cada pessoa reage de maneira diferente, seja fotografando ou observando a imagem fotografada. A imagem fotográfica, **"**ao registrar a experiência, pode provocar novas percepções, produzir a subjetividade inerente ao ato de olhar do contemplador" (GOMES, 1996).

Ao refletir sobre a fotografia, lembro-me de dois momentos. O primeiro de quando criança; eu com uma câmera analógica. Minha mãe elogiava minhas fotos, logo, eu portava a câmera. Todo aquele processo de comprar e colocar o filme na máquina, depois retirá-lo para revelar, pertencia a mim. Confesso que, parando para pensar, esse processo era a parte mais interessante de se tirar uma fotografia. Tanto que, eu era meio aversa à câmeras digitais, assim que elas surgiram. Achava fácil demais poder tirar foto e apagar em seguida. Aos poucos, fui parando de comprar filmes e de registrar a vida passando. No fundo, eu tirava fotos para a minha mãe. Fiquei uns anos sem fotografar, inclusive. Contudo, me adaptei à era digital, é claro.

O segundo momento que me recordo e entendo como importante, eu já estava na universidade, cursando uma disciplina. Como projeto, eu iria fazer registro fotográfico de um percurso para, depois, desenvolver um roteiro fotográfico. Eis que essa experiência de fotografar um percurso foi muito reveladora. No percurso, não decidi por um caminho específico, apenas fui andando e tirando diversas fotos na universidade mesmo. Após tantas fotos, pude escolher as que fariam parte do roteiro. Mas, além disso, pude perceber qual era o recorte que o meu olhar tinha, para que direção ele era guiado.

As fotos escolhidas para o projeto tinham um ponto de vista que ia da terra para o céu. Era o céu que me guiava. Lembro que tirei as fotos durante o outono, ou seja, o céu não tinha nuvens. Era só azul. Para acompanhar esse azul, outro elemento foi escolhido para compor a cena. O concreto dos prédios. Eu tinha então o céu, o concreto e muitas possibilidades. Fiz um segundo percurso parecido com o primeiro, poucos foram os desvios. A diferença é que agora eu tinha para onde olhar. O projeto reunia fotografias feitas pela Universidade de Brasília (UnB) e foi chamado de UnB Concreta[10].

[10]Projeto desenvolvido durante a disciplina de Estágio II sob orientação da Prof.ª Dr.ª Karina Dias em 2013.

Figura 7 - UnB Concreta – Faculdade da Ciência da Informação

Foto: Samara Lima, 2013.

Figura 8 - UnB Concreta - Ceubinho

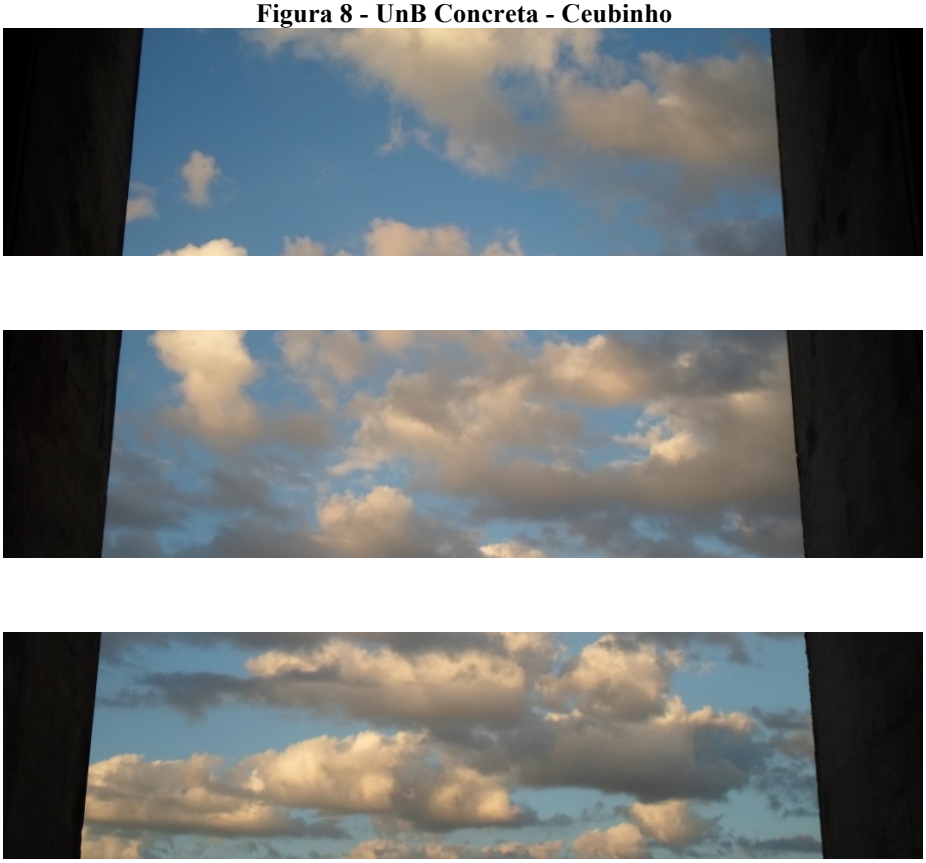


Foto: Samara Lima, 2013.

Após terminar o projeto, é evidente que minha percepção toda mudou. Passo pelos lugares e capturo uma imagem mentalmente e já vejo uma fotografia, imaginada. Eu não miro

pessoas, nem flores. As fotos já não são mais para a minha mãe. São minhas e para mim. Meu olhar continua sendo guiado pelo céu e pelo concreto, mira o vazio. Céu, concreto e vazio. O que mais poderia representar Brasília?

Em outro momento, participei de um projeto que envolvia fotografia e o ato de caminhar. Coordenado pela Prof.ª Dr.ª Karina Dias e pela Prof.ª Esp. M.ª Tatiana Terra, o projeto se chamava Brasília Bucólica – A Experiência do Caminhar e contava com a participação de discentes da graduação do curso de Turismo da UnB.

O projeto Brasília Bucólica tinha como ideia principal trazer um novo olhar sobre Brasília, dentro das Escalas Bucólica e Residencial, através da caminhada. O projeto proporcionou engrandecimento acerca do caminhar e novas formas de contemplar e experimentar a cidade. Entre as atividades desenvolvidas no projeto, foram feitos registros fotográficos nos espaços bucólicos de Brasília, aliados com textos sobre o caminhar e a realização de um concurso de fotografia, aberto à comunidade.

Figura 9 - Concurso Brasília Bucólica

Foto: Pedro Victor Sousa. 2º lugar no concurso.

Figura 10 - Brasília Bucólica

Foto: Marcelo Moreno

Portanto, o registro fotográfico foi o meio escolhido para dar suporte àessa pesquisa também, devido a proximidade que tenho com a câmera. A proposta aqui é que que por meio da caminhada fosse encontrada outra forma de olhar a cidade. Assim, munida do meu olhar e amparada pela câmera, comecei a caminhar.

4.1 Escolha do Caminho

Há espaços em Brasília que, toda vez que passo, sinto vontade de ficar por lá, de fotografar. E, na maioria das vezes, sempre estou dentro de um ônibus ou carro, nunca a pé. Quando passo por esses lugares, faço pequenos mapas mentais das quadras e caminhos que me interessam, para um dia eu voltar.

São lugares onde estão passarelas, tesourinhas, pistas. Gosto da cena que vejo, por exemplo, quando passo pelas tesourinhas – seja por baixo ou por cima –, e noto aquelas pequenas muretas pintadas de branco e as imagens que esses lugares formam em conjunto com o gramado e o céu.

Quando comecei a pensar em percursos para fazer esse trabalho, cogitei muito, é claro, em fazê-lo no Eixo Rodoviário e tornar reais aqueles mapas mentais. Pensei também em andar na pista que leva para a L2, ali na altura da Esplanada dos Ministérios. Queria saber como seria passar por ali com calma, dirigindo meu olhar para o alto, para o cume dos monumentos. Decidi então fazer meu primeiro percurso saindo da Rodoviária, indo no sentido Esplanada.

Foram feitos dois percursos para este trabalho. O primeiro foi realizado no dia 7 de junho e o segundo na semana seguinte, dia 14 de junho. Os dois foram realizados em um dia de domingo, após as 17 horas, e teve duração de 1 hora e 20 minutos.

Esse primeiro percurso fiz para reconhecer o local e ver quais caminhos eu poderia traçar estando ali e para ver se realmente eu ia querer registrá-lo. Após ter feito esse primeiro trajeto, acabei decidindo que, de fato, seria a Esplanada dos Ministérios o lugar para meu registro fotográfico.

A escolha da Esplanada, contudo, não foi intencional, apesar de existir uma curiosidade de estar ali a pé. O que me fez decidir por esse caminho, foi o fato da Esplanada ser o lugar que mais representa Brasília, devido aos seus monumentos singulares. Por isso, pareceu ser mais interessante mostrar um lugar que oferecesse imagens icônicas, sob uma nova perspectiva. Desvelar uma Brasília que poucos viram ou registraram.

Na semana seguinte, fiz o segundo percurso na Esplanada dos Ministérios, já pensando nela como objeto de pesquisa, o caminho que seria percorrido e registrado para utilizar no trabalho. Entretanto, o trajeto foi feito sem um roteiro pré-programado. Apenas fui andando e fotografando.

4.2 Os percursos

4.2.1 Percurso do dia 7 de junho

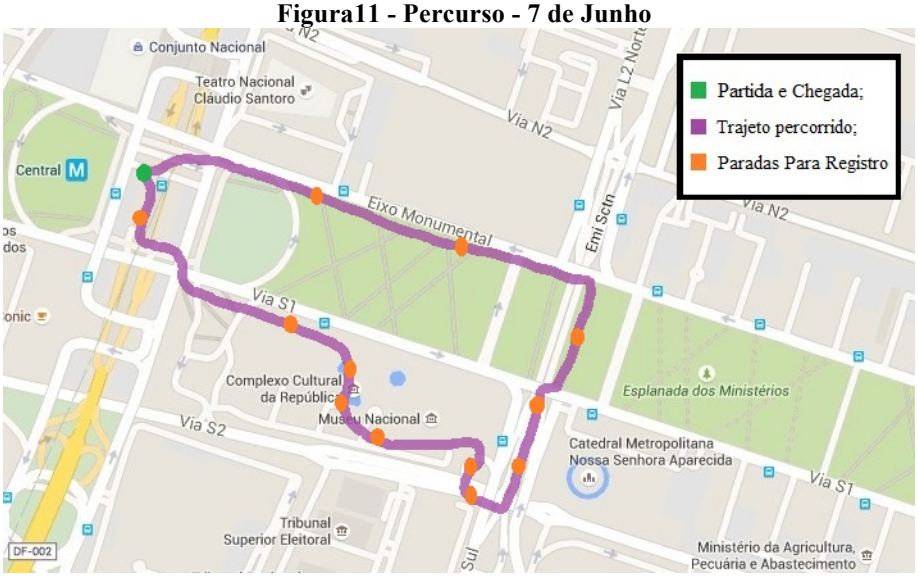
Decidi fazer o primeiro percurso ali na Esplanada, partindo da Rodoviária do Plano Piloto que para mim é meu lugar de afeto. Pensei em começar da Rodoviária, num domingo, dia em que eu certamente poderia ver aquele lugar de encontros, de multidão, vazio.

Parti do que para mim foi designado como marco zero[15], a Rodoviária, pelo lado direito, indo em direção ao Complexo Cultural da República, para fazer o meu registro fotográfico. Escolhi seguir nessa direção porque era mais familiar, aonde sempre vou, e por ser um lugar com maior fluxo de pessoas. Passei pela Biblioteca Nacional, havia muitas pessoas, andando de skate, bicicleta, fazendo rap ou apenas andando. Depois da biblioteca, contornando os espelhos d'agua, segui em direção ao Museu Nacional, andando por trás dele, caminho que poucos escolhem fazer. Após passar pelo Museu, parei para admirar o céu, que tinha cinco camadas de cores, variando da cor lilás ao amarelo. Ali, especificamente, é um

[15] O Marco Zero de Brasília se localiza no cruzamento dos eixos Rodoviário e Monumental, onde está a Rodoviária do Plano Piloto.

lugar que aprecio muito estar, por conta da vista. Apesar da presença do céu ser constante em Brasília, ali naquele lugar parece que o céu adquire uma sublime imensidão.

Figura11 - Percurso - 7 de Junho



Fonte: Especificações no mapa elaborada pela autora.

Após minha breve contemplação, desci por uma pequena pista, uma micro tesourinha, que dá acesso da parte inferior da Esplanada para parte superior da pista, sentido L2 sul. Antes de andar a pé, na contramão, por aquela passagem de carro, passei uma vez apenas e, quando passei, descobri a paisagem da Esplanada surgindo de repente, como uma aparição.

> A experiência da paisagem coloca em relevo, em destaque, uma porção do espaço vivido, fazendo ressoar também o que se encontra fora do nosso campo de visão. Estamos sempre articulando, relacionando os diferentes detalhes que compõem o nosso espaço, sem, entretanto, isolá-los completamente do seu conjunto. Experimentar a paisagem seria então conceber um lugar por meio dos sentidos (DIAS, 2010, p. 145).

No momento que passei por ali pela primeira vez, ao perceber a paisagem que se formou diante dos meus olhos, aquela parte da cidade passou a existir pra mim. Desde então, esse lugar estava na minha lista de lugares para ir, eu queria estar ali.

Desci a micro tesourinha e fui para o leste, como se fosse descer pelos ministérios. Mas não desci. Virei para o lado da pista que vai para a L2 norte, uma via que liga a L2 sul à L2 norte. Uma via que gosto muito de passar. Ali, entre as duas pistas há vários ipês brancos, que florescem timidamente, mais ou menos, em setembro. É a parte da cidade onde parece que a pista é de concreto e talvez seja mesmo!

E enfim eu tinha chegado à via de ligação. Andei por ali olhando para o céu, que junto com uma rampa de terra e gramado forma um horizonte com menos perspectiva. Um

horizonte pouco distante, quase alcançável. De lá eu via o Museu Nacional, a Catedral, a Torre de TV, mas ao mesmo tempo não via nada, não de forma plena. O que surgia para mim eram recortes, pedaços de monumentos. Dias (2010, p. 125) diz que delimitamos a paisagem através do olhar. Esses recortes, pedaços de monumentos, são as paisagens que meus olhos veem.

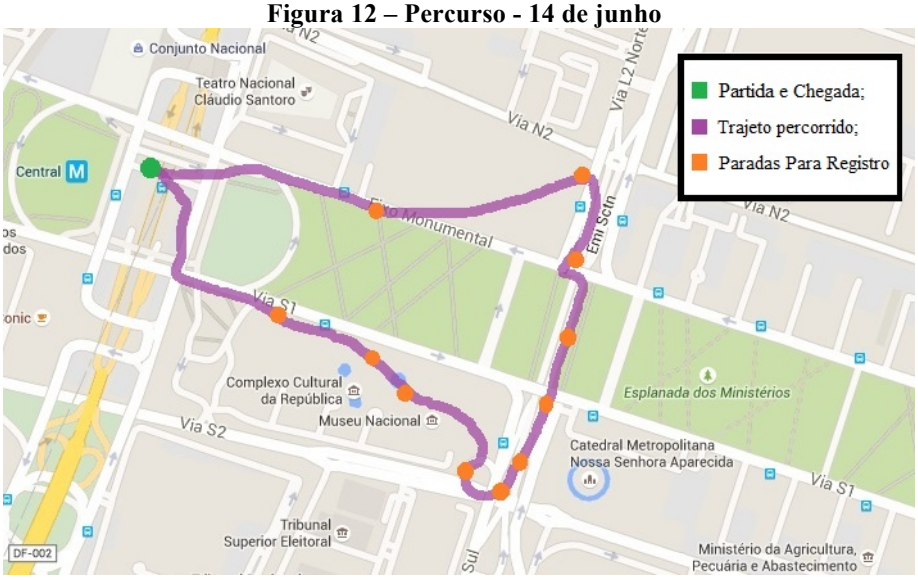
Após andar por toda a parte sul da via de ligação, subi a próxima escada, com a vista virada para o Congresso Nacional. Ao subir, vi a cidade entre as muretas, que não eram tão brancas assim.

Atravessei a faixa de pedestre e, então, eu me encontrava no meio da Esplanada. Nessa hora já começava a escurecer. Apesar do encanto que as luzes de uma cidade oferecem a noite, prefiro a paisagem diurna. Resolvi então que era hora de voltar para o meu marco zero, a plataforma rodoviária que, sendo um lugar de passagem, era meu lugar de partida e chegada.

4.2.2 Percurso do dia 14 de junho

No domingo seguinte fiz um segundo trajeto, mais ou menos nos mesmos moldes do primeiro. Domingo, fim da tarde, partindo da Rodoviária. A diferença é que eu escolhi descer pelo lado norte, pelo lado do Teatro Nacional. Eu não sabia até onde eu ia. A ideia era ir mais longe que da outra vez, já que eu tinha mais tempo antes de escurecer.

Figura 12 – Percurso - 14 de junho



Fonte: Especificações no mapa elaborada pela autora.

Saindo da Rodoviária, desci ate o sinal de transito em frente ao Teatro Nacional, mas resolvi não atravessar. Fui descendo pelo lugar por onde voltei no percurso da semana

anterior. Olhei para o lado norte do Plano Piloto e vi um espaço aberto, uma área sem construção alguma, por onde normalmente ninguém passa. Atravessei a pista para chegar nesse lugar. O sol estava começando a baixar, e aquela luz típica de por do sol iluminava os gramados e muretas ali na L2 norte. Segui a luz do sol, queria ir onde ela estava. Quando cheguei ao gramado, a luz do sol deu vida à paisagem e de lá avistei um dos horizontes de Brasília. Como disse Lucio Costa "imenso céu do planalto, como parte integrante e onipresente da própria concepção urbana - os 'vazios' são por ele preenchidos; a cidade é deliberadamente aberta aos 360 graus do horizonte que a circunda" (COSTA, 1987 apud TERRA, 2015).

Avistar esse horizonte me fez lembrar a cidade invisível de Irene, a cidade onde "se vê na extremidade do planalto na hora em que as suas luzes se acendem e permitem distinguir no horizonte, quando o ar está límpido, o núcleo do povoado" (CALVINO, 1990, p.114), descrita por Marco Polo a Kublai Khan. Junto ao horizonte que vi também havia uma cidade.

> Os que olham de lá de cima fazem conjeturas sobre o que esta acontecendo na cidade, perguntam-se se encontrar-se em Irene naquela tarde seria bom ou ruim. Não que tenham intenção de ir - e, de qualquer modo, as estradas que descem ao vale são ruins - mas Irene magnetiza olhares e pensamentos de quem está lá no alto.
>
> A esta altura, Kublai Kahn espera que o Marco diga como é Irene vista de dentro. E Marco não pode fazê-lo: não conseguiu saber qual é a cidade que os moradores do planalto chamam de Irene; por outro lado, não importa: vista de dentro, seria uma outra cidade; Irene é o nome de uma cidade distante que muda á medida que se aproxima dela (CALVINO, 1990, p. 114).

O sol baixou mais e a luz já não refletia tanto e foi então que segui para o lado sul. Passei por cima de uma plataforma e desci as escadas. Fui caminhar por aquela pista onde estão os ipês brancos, a mesma que percorri na semana anterior. A diferença é que a atravessei no sentido inverso.

Não havia ninguém, somente alguns carros passando vez ou outra. Passei por baixo da pista e andei ao lado daquelas rampas de terra, as que oferecem um horizonte mais próximo. Essas rampas parecem montanhas: altas e íngremes, ou seja, difíceis de descer e de subir. Quando me encontro "ao pé da montanha", não vejo o que tem além. E se resolvo subir, uma nova paisagem se forma perante a mim. Não poderia ser diferente, afinal, "o horizonte é um objeto paradoxal, reversível: revela aquilo que esconde e pertence a dois regimes do ver, o visível e o invisível, que ele liga entre si" (CAUQUELIN, 2011, p. 104).

Eu me afastei um pouco da "montanha", mas como qualquer montanha, ela ainda é presente se a distancia não é suficiente para ela sumir no horizonte. Então, acompanhada

delas, caminhei entre as pistas de sentido norte-sul. Ali se vê as calçadas quebradas, as rachaduras da pista de concreto (ou não). Uma cidade real.

Chegando à altura da Catedral, vi que já não havia muita luz. Ainda mais estando na parte de baixo da Esplanada. Entre descer para o lado dos ministérios e subir depois à noite, em um caminho solitário ou voltar naquele instante pelo caminho que eu já havia passado outrora, decidi então retornar imediatamente.

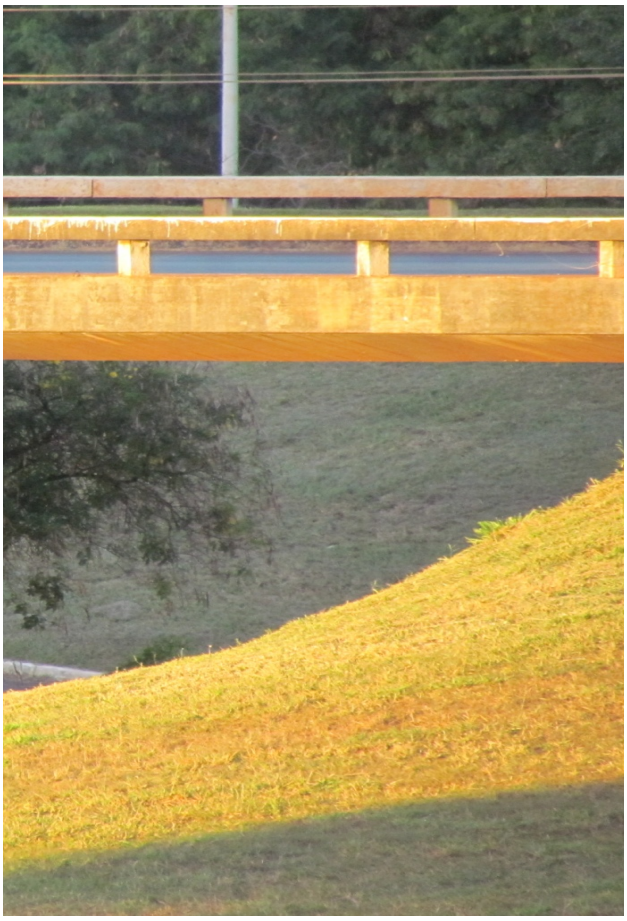
Caminhar por Brasília pode ser difícil, para aqueles que não gostam de estar só, pois, em Brasília, é possível conhecer verdadeiramente o vazio. Um vazio possível de se sentir em qualquer escala da cidade, mas que se potencializa na escala monumental. Por mais que haja pessoas na Esplanada, parece impossível preenchê-la. Brasília é imensa e desconhece o conceito de multidão.

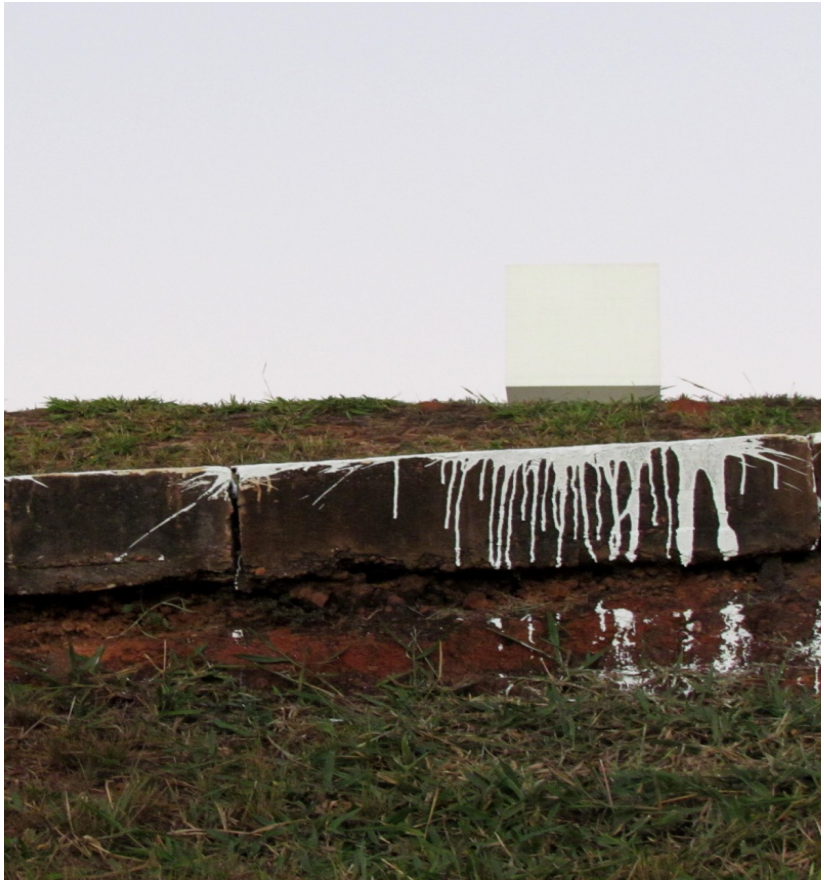
Experimentar esse vazio, a sua imensidão pode ser uma tarefa árdua. Em um domingo pode transcender expectativas. A experiência pode, inclusive, ser muito hostil. Enquanto decidia entre descer para o leste ou voltar para Rodoviária, eu me vi sozinha. Pouca luz, eu e uma câmera fotográfica.

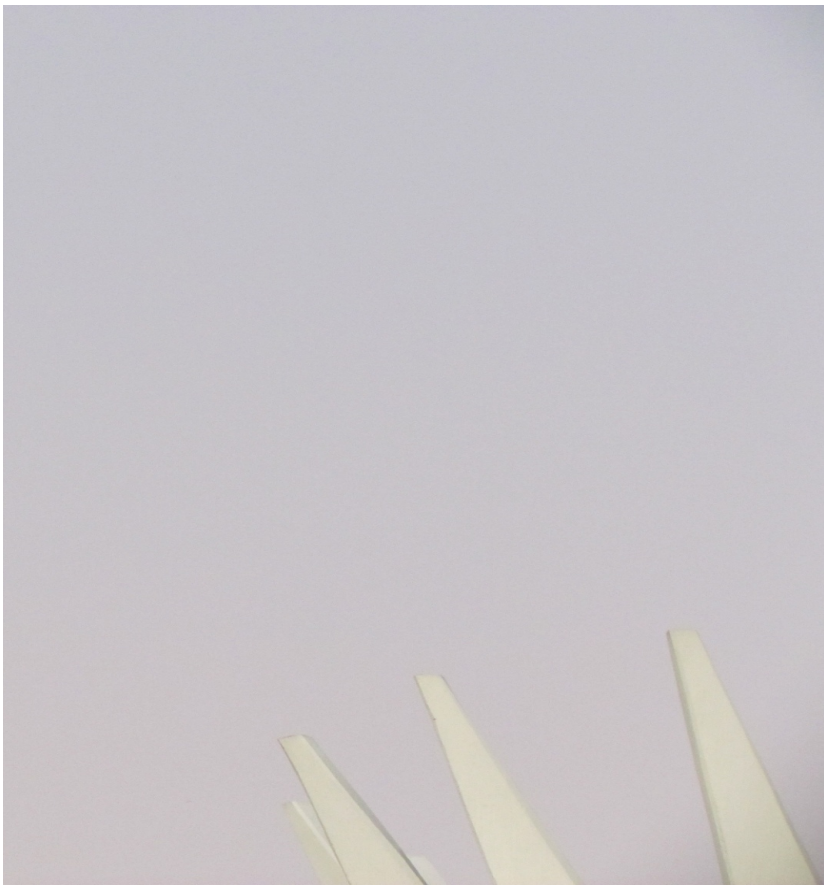
Duas pessoas passaram por mim. A primeira passou longe alguns metros e por um minuto eu quis que ela não viesse na minha direção. E não veio. Apenas seguiu seu caminho, em direção à parte de trás dos ministérios – uma das minhas opções de caminho. Passando por baixo de mais um viaduto, para poder subir por aquela pequena tesourinha, vinha a segunda pessoa, de bicicleta. Coração acelerou e eu só pensava em chegar à pista que me levaria para o Complexo Cultural, que me levaria para cima.

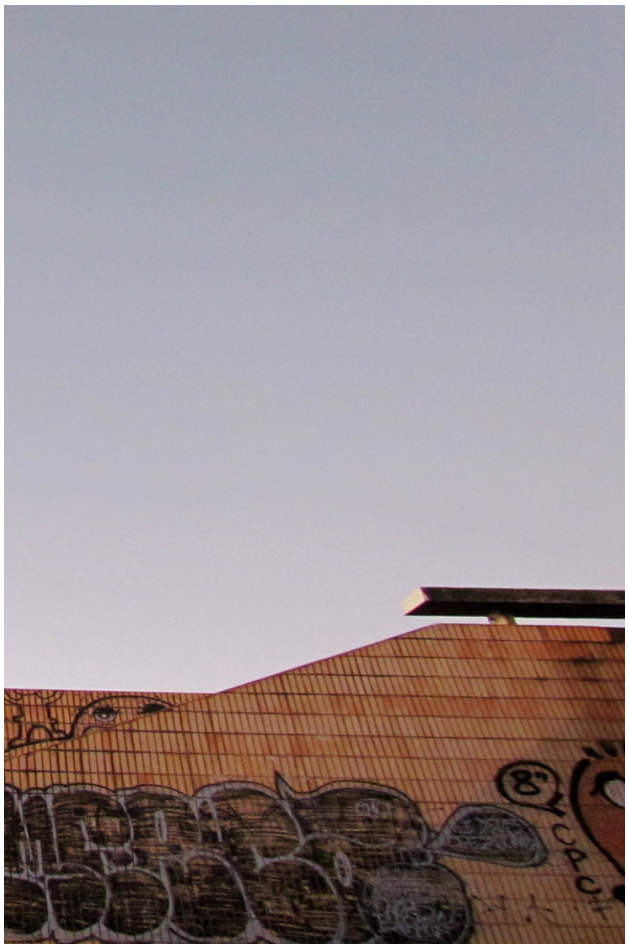
Ao chegar à pista, senti alivio. Era como se eu estivesse em casa. Comecei a avistar a cúpula do Museu Nacional e a ver pessoas e mais pessoas. O céu estava lilás e as primeiras estrelas apareciam no céu. Céu e concreto. Por um momento, esqueci-me do caminho. Quando avistei a plataforma superior da Rodoviária, cheguei em casa.

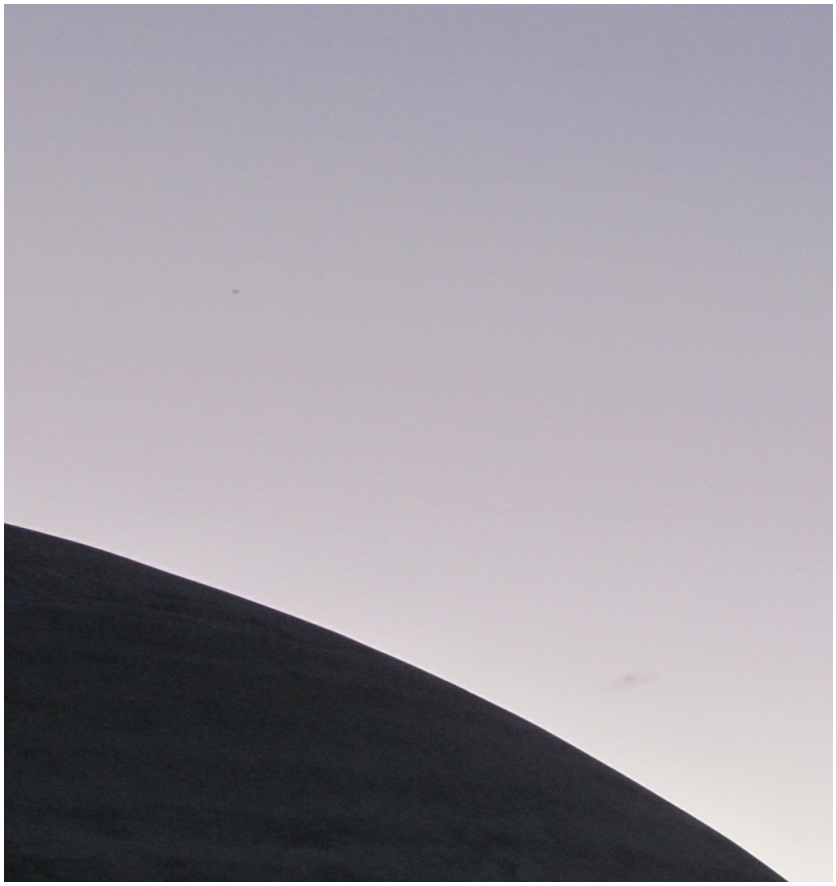
A cidade é feita de planos mais ou menos visíveis. O caminhante transita entre os espaços sombreados da cidade, aqueles onde a nossa presença nos faz sentir sozinhos em meio ao vazio, visto em meio à imensidão.

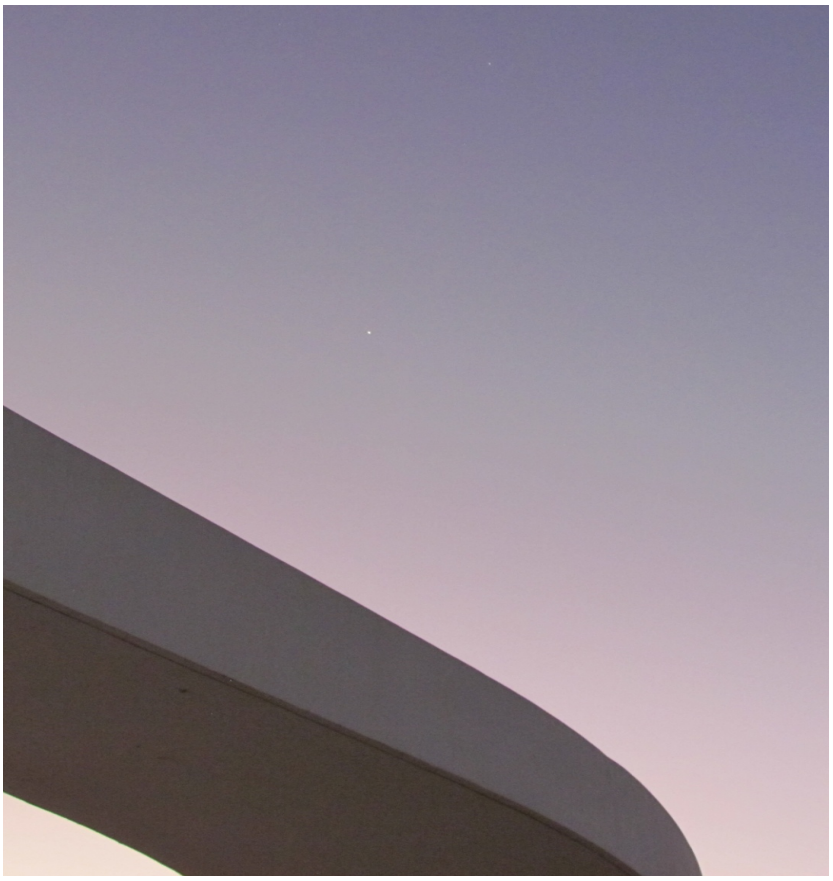


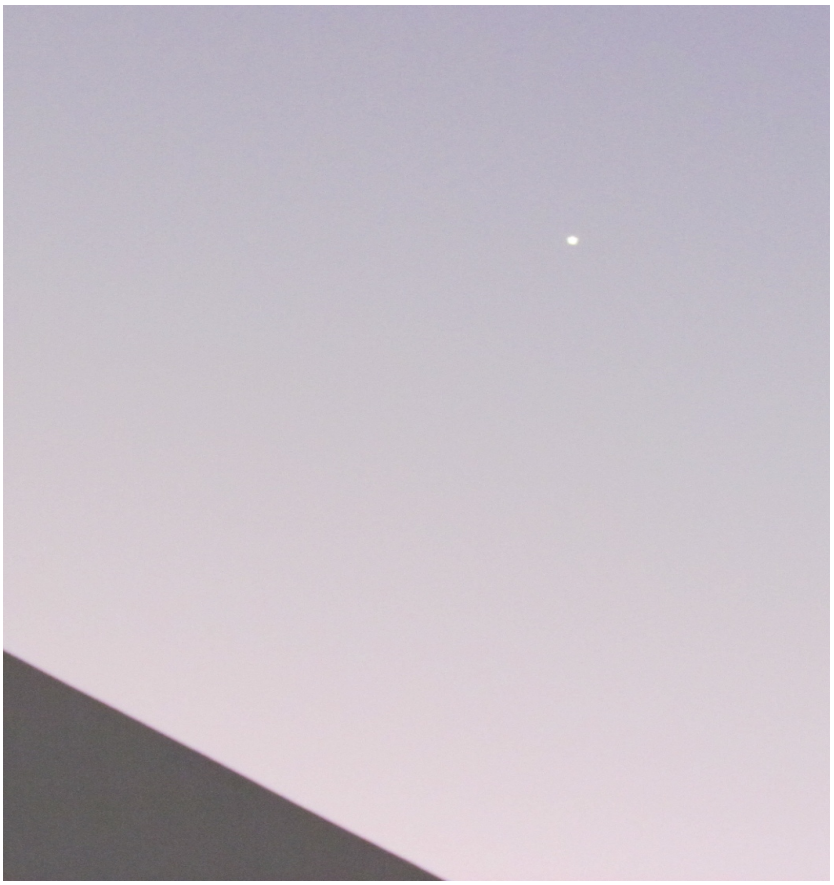


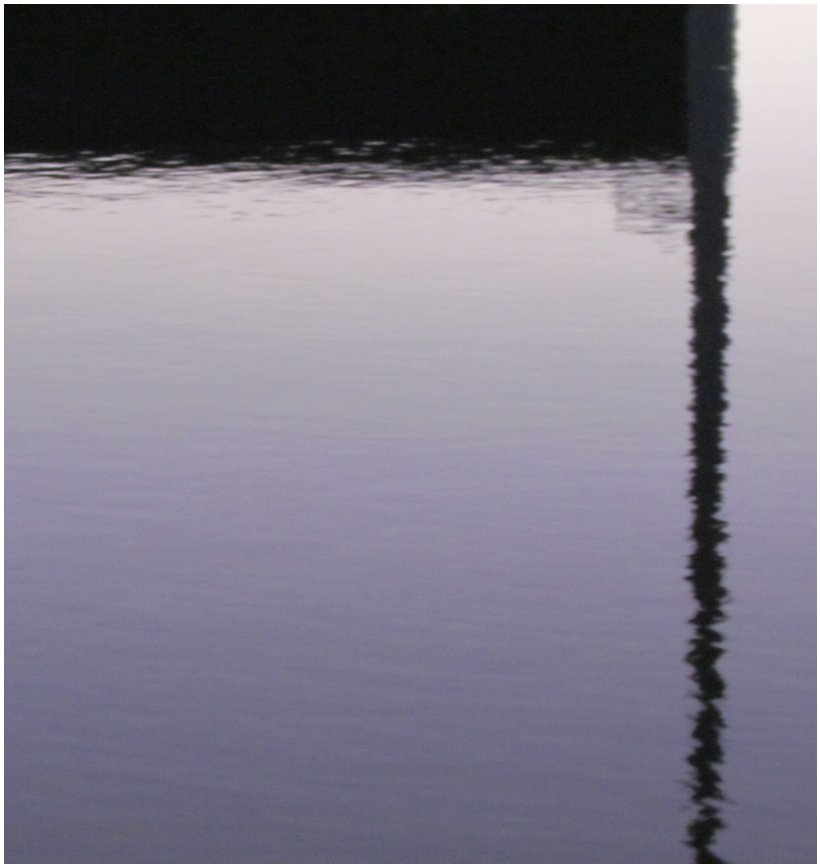


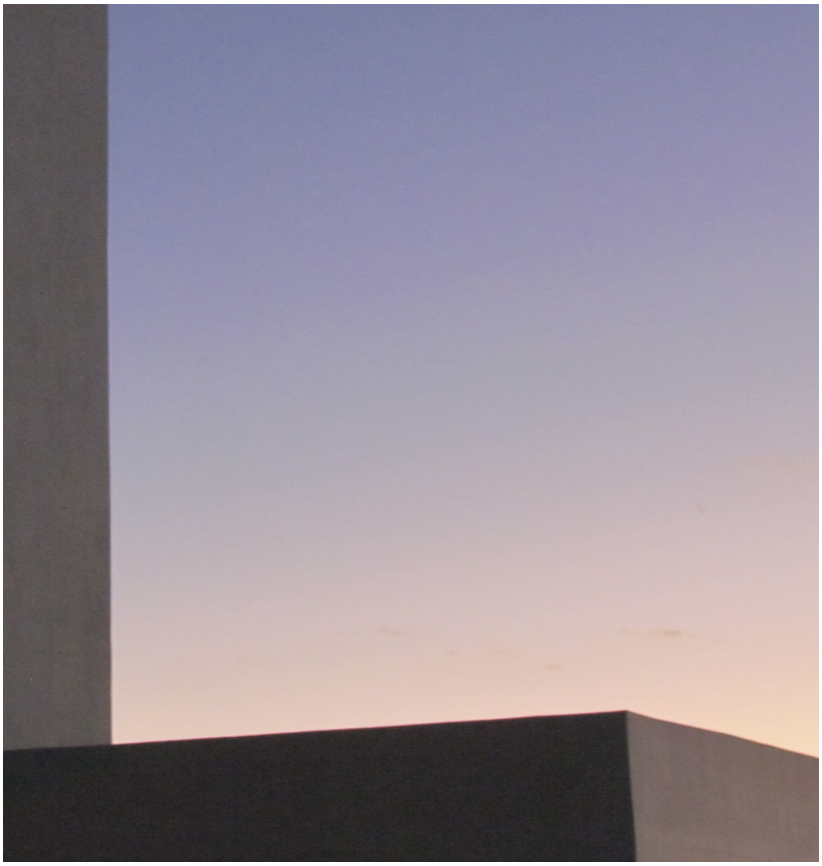


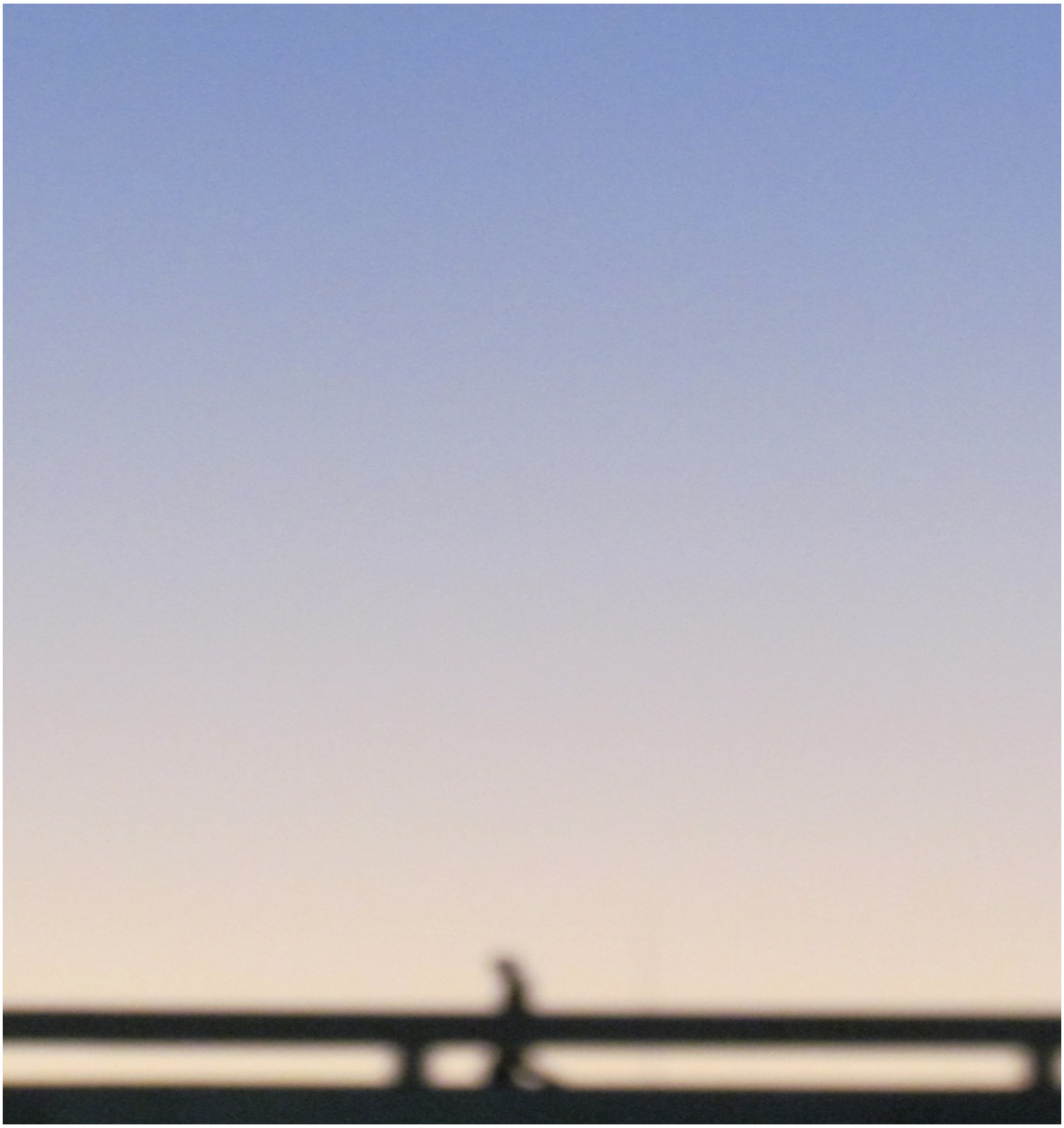












CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caminhada em si torna-se ação crítica e investigatória do pensamento-ação do turista/*flâneur* que, por ser livre, vaga por onde deseja.

A Escala Monumental de Brasília, cidade-postal, com toda sua monumentalidade é reconhecida por todos aqueles que a observam, tímidos, de longe. Ao mesmo tempo, ela se apresenta como um lugar hostil, onde poucos se arriscam a atravessar.

Ao me tornar uma turista/*flâneur*, escolho a Esplanada dos Ministérios como lugar para realizar meu percurso. Lugar que é, simultaneamente, deserto, miragem e contemplação. Lugar perto e distante, onde é difícil desviar o olhar para além dos seus singulares monumentos.

Percorrer a cidade a pé propiciou uma maior intimidade com o espaço e a paisagem da cidade, possibilitou desvelar uma Brasília que poucos viram ou registraram. Tornar-se turista/*flâneur* dentro do cotidiano é ser cidadão utópico, como Niemeyer e Lucio Costa um dia sonharam juntos na cidade-parque.

O que se inicia como registro fotográfico do percurso para a pesquisa, tão logo se transforma em pensamento imagético que complementa a construção de uma reflexão crítica para a pesquisa. O conhecimento tátil se dá entre caminhante e cidade, percurso e imaginação, *flâneur* e devaneio. Revisitar é sonhar a cidade enquanto a habita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Cris. **O flâneur na contemporaneidade:** registro e construção de paisagens. *In:* XIX ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS "ENTRE TERRITÓRIOS". Cachoeira – Bahia: 2010.

BRASIL. Decreto nº 10.829, de 14 de outubro de 1987.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CATALDO, Beth; RAMOS, Graça. **Brasília aos 50 anos:** que cidade é essa. Brasília: Tema Editorial, 2010.

CAUQUELIN, Anne. **No ângulo dos mundos possíveis.** Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COSTA, Lucio. **Brasília Revisitada**. 1985/1987. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=280. 1985/1987.> acesso em jun. 2015.

_____. **Brasília, a cidade que inventei: Relatório do Plano Piloto de Brasília.** GDF, 1991.

D'ANGELO, Martha. **A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin**. Estudos Avançados. 2006, vol.20, n.56, pp. 237-250.

DIAS, Karina. **Entre a visão e Invisão:** Paisagem: por uma experiência da paisagem no cotidiano – Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arte, Universidade de Brasília, 2010.

DIAS, Karina; MELO; Mariana Inocêncio Oliveira. Parques Urbanos: Práticas de Lazer e de Turismo. In: IX SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 2012, São Paulo.

GASTAL, Susana. **Turista Cidadão:** Uma contribuição ao estudo da cidadania no Brasil. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB, 2006.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo. É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora, 2010.

LEITÃO, Francisco (Org.). **Brasília 1960-2010:** passado, presente e futuro. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Brasília, 2009.

MESQUITA, Zilá; SILVA, Valéria Pereira da**. Lugar e imagem:** desvelando significados. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 34, 2004.

NETTO, Alexandre Panosso. **Filosofia do Turismo:** teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005. 160 p.

NÓBREGA, Lara Santina Santos. **O Turista Flâneur e o desvelamento do Centro Histórico de João Pessoa:** Breves Considerações sobre a prática do turismo. 2013. Dissertação – Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

NUNES, Brasilmar Ferreira. Eixo Monumental de Brasília: a obsessão da integração. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 11, n. 2, p. 139-155, 2011.

PONTUAL, Virgínia; LEITE, Julieta. **Da cidade real à cidade digital:** a *flânerie* como uma experiência espacial na metrópole do século XIX e no ciberespaço do século **XXI**. In: Revista Famecos, n.30, Ago. 2006.

TERRA, Tatiana Vieira. **Bucólica Brasília:** a experiência do caminhar pelas Entrequadras de Brasília (cidade, arte e turismo). 2015. Dissertação – Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

THOREAU, Henry David. **Andar a pé.** 2003. Tradução: Sarmento de Beires e José Duarte. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/andarape.pdf> acesso em jun. 2015.

ULHÔA, Inês; DIAS, Karina. Cidade, cultura e turismo: para além do entretenimento. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, v. 13, n. 103, p. 146-162, 2012.

_____. Turismo, cultura e patrimônio: Sobre os usos dos espaços da cidade. **Revista Cenário**, v. 1, n. 1, p. 56-72, 2013.

WHITE, Edmund. **O flâneur:** um passeio pelos paradoxos de Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 48.